

Formas da *aretê*: coragem no Fr. 12 W de Tirteu e nas *Leis* Platão

Forms of aretê: courage in Tyrtaeus' Fr 12 W and Plato's Laws

Ana Clara Meneguzzi

Univeridade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

FAPESP

ana.meneguzzi@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2602-0128>

Resumo: Esse artigo visa estabelecer a conexão entre os elos da cadeia receptiva que concernem dois autores da Antiguidade grega: Tirteu e Platão, brevemente tangenciando Homero e a tradição épica. Um dos temas que une esses três poetas é a virtude, ou a *aretê*, que em Homero é tratada como excelências particulares; em Tirteu, a coragem é exaltada como a virtude mais relevante; e, para Platão, a virtude completa formada pela justiça, temperança, sabedoria e coragem. Pretende-se mostrar como a tradição poética épica e suas imagens bélicas são influências importantes para a construção do *êthos* guerreiro louvado no Fr. 12 W de Tirteu; esse que, por sua vez, é citado duas vezes em *As Leis*, diálogo tardio de Platão. Em *Lg. I*, 629a3-b4, o Estrangeiro Ateniense o toma como paradigma da constituição militarizante de Esparta, criticando-o por elogiar somente a coragem ao invés da virtude completa. Já em *Lg. II*, 660d11-661d4, o protagonista reescreve e corrige a elegia, tendo em vista o próprio pensamento tardio de Platão. Dessa forma, será analisado de que modo o mesmo assunto (a virtude) é tratado por três perspectivas distintas, através de referências diretas ou indiretas, posicionamento crítico e apropriação para objetivos específicos.

Palavras-chave: Platão; Tirteu; virtude; coragem; filosofia moral antiga.

Abstract: This paper aims to establish the connection between the receptive links concerned with two Ancient Greek authors: Tyrtaeus and Plato, briefly mentioning Homer and the epic tradition. One theme that connects these three poets is virtue, or *arete*, which in Homer is treated as individual excellences; in Tyrtaeus, the courage is praised as the most relevant virtue; and, for Plato, the complete virtue is formed by justice, temperance, wisdom and courage. This paper intends to show how the epic poetic tradition and its military images are important influences to the construction of

the warrior *ethos* praised in Tyrtaeus' Fr. 12 W; poem which is, by its turn, cited twice in the *Laws*, one of Plato's late dialogues. In *Lg.* I, 629a3-b4, the Athenian Stranger takes the poem as a paradigm of Sparta's military constitution, criticizing it for praising only the courageous virtue instead of the complete one. On the other hand, in *Lg.* II, 660d11-661d4, the protagonist rewrites and corrects the elegy, considering Plato's late thought itself. Thus, this paper will analyze how the same subject (virtue) is treated by three different perspectives, by means of direct or indirect references, critical attitudes, and appropriation to specific goals.

Keywords: Plato; Tyrtaeus; virtue; courage; ancient moral philosophy.

1 Introdução

O objetivo desse artigo é analisar, à luz dos estudos de recepção, como a concepção de virtude foi transmitida, recebida e alterada entre Tirteu e Platão, tendo sua origem em lugares-comuns poéticos associados à tradição épica e homérica. Em um primeiro momento, pretende-se contextualizar e definir do que se trata os estudos de recepção. Como exemplo – já introduzindo o tema de maior discussão –, será analisada a influência de tópicos épicas (especificamente homéricas) na poesia elegíaca de Tirteu, em particular nos fragmentos conhecidos pelo nome de *Exortações Militares*. Em segundo lugar, será analisado o Fragmento 12 West (doravante Fr. 12 W), de Tirteu, em que a concepção de virtude épica-homérica é alterada para servir aos propósitos exortativos da elegia marcial. Por fim, serão apresentados trechos de *As Leis* de Platão (629a3-b4; 660d11-661d4) que citam o Fr. 12 W diretamente, criticam, reescrevem e o reintroduzem em sua versão retificada.

Os estudos de recepção podem ser definidos, de maneira ampla, como a análise da relação entre obras estabelecida pela influência de uma sobre outra – de que modo tradições literárias foram transmitidas, traduzidas, reimaginadas, reconfiguradas, ressignificadas e, afinal, recebidas entre culturas e obras. Por ter uma definição bastante abrangente, que abarca múltiplas formas de interpretar a relação entre textos, Charles Martindale defende que, antes de restringir seu significado a uma e unívoca atividade, “a teoria da recepção provê uma metodologia

para lidar com qualquer corpo de material, do passado até o presente”¹ (Martindale, 2007, p. 309). Assim, estudar a recepção de um texto clássico – ou a cadeia receptiva que liga obras entre diferentes culturas, meios, línguas, gêneros e tempos – implica analisar as formas pelas quais foi recebido, incluindo atividades tradutórias, referências intertextuais, intergenéricas e intermediáticas, alusões, significados escondidos e dicas (Nünlist, 2009); a transmissão de um texto, interpretação, representação, reformulação, entre outros (Zanfra, 2022).

Lorna Hardwick, outro expoente dos estudos de recepção, explica que, ao se engajar com esse tipo de análise, se estabelece “uma relação recíproca entre o texto ou cultura de fonte e a nova obra e cultura receptiva”² (Hardwick, 2003, p. 4). Já na Antiguidade, o diálogo e as referências a obras anteriores revelam-se práticas poéticas comuns. “Os próprios movimentos na cultura oral, escrita ou material antiga envolviam recepção e refiguração do material de dentro ou de fora do mundo grego e romano”³ (Hardwick, 2003, p. 12). Tomando-se como paradigma os poemas homéricos, diversos estudiosos afirmam que sua autoridade poética causou uma série de reações importantes na poesia grega arcaica.⁴ Tópicas sobre a guerra e as virtudes guerreiras presentes nas epopeias, principalmente na *Iliada*, se mostram refletidas em diversos poetas líricos, o que Laura Swift discute em *Lyric Visions of Epic Combat* (2015). No artigo, a pesquisadora analisa a forma pela qual cada poeta se apropria dos poemas homéricos, apresentando tópicos épicos de modo a

¹ “Reception theory provides a methodology for dealing with any body of material, from the past to present”. Todas as traduções do inglês ao português são próprias.

² “[...] two-way relationship between source text or culture and the new work and receiving culture”.

³ “Movements in ancient oral, written, and material culture themselves involved reception and refiguration of material from inside and outside the Hellenic and Roman world”.

⁴ Fowler, em *The Nature of Early Greek Lyric*, argumenta que muitas tópicos épicos provindas de uma “sabedoria ética grega” [*Greek ethical wisdom*] (Fowler, 1987, p. 8) são errôneas e apressadamente atribuídas à autoria homérica, a despeito de que sua influência tenha sido efetivamente mais notória do que a de outros círculos épicos. O estudioso propõe que tais lugares-comuns sejam melhor interpretados como convenções poéticas e linguísticas do contexto grego oral e arcaico (Fowler, 1987, p. 8).

ênfatizar a nuance pretendida, representando diversas atitudes possíveis diante do texto fonte.

Da perspectiva do poeta, apresentar os temas dos poemas como similares aos grandes conflitos da épica é uma maneira de elevar o seu próprio *status* e o poder de sua poesia, ao mesmo tempo que sugere sua habilidade de comemorar feitos importantes para gerações futuras. Poemas individuais diferem em o quão críticas ou diversas são suas abordagens à épica: assim o campo de batalha épico pode ser um ideal a ser aspirado, uma fantasia inalcançável ou algo a ser totalmente rejeitado.⁵ (Swift, 2015, p. 25)

Quanto a Tirteu, poeta elegíaco conhecido por sua atuação em Esparta (c. 640 a.C.), é notório que ele empregue referências tradicionais, épicas e guerreiras, para legitimar e reforçar valores marciais veiculados em suas próprias composições. Visto que o regime constitucional em que se inseria era voltado à guerra e à exortação ao combate bélico, o poeta emprega recursos símeis à épica heroica para encorajar jovens a não temerem a batalha, e assim conquistar a fama e o orgulho de sua *pólis*. No Fragmento 10 W, a *persona* poética se dirige a eles, pretendendo persuadi-los a participar da batalha, moralmente condenando a covardia juvenil por permitir que os anciãos assumam a frente no combate e percam a vida.

E não fujais, aos mais velhos abandonando,
 aos anciãos, que não têm mais joelhos ágeis.
 Pois, sim, isto é torpe: na vanguarda caindo,
 fazer ante os jovens um varão mais velho,
 já de cabeça branca e barba grisalha,
 expirando o valente fôlego na poeira,
 os ensanguentados genitais nas próprias mãos –

⁵ “From the poet’s perspective, presenting the subjects of the poems as similar to the great conflicts of epic is a way of elevating their own status and the power of their poetry, as it suggests their ability to commemorate important deeds for future generations. Individual poems differ in how critical or otherwise their approach is to epic: thus the epic battlefield can be an aspirational ideal, an unattainable fantasy or something to be rejected outright.”

que espetáculo torpe, que visão revoltante! –
e o corpo despido: Mas tudo convém aos jovens
enquanto têm a flor brilhante da desejável⁶ juventude...
Tirteu, Fragmento 10 W, vv. 19-38, trad. Rafael Brunhara

Palavras semelhantes profere Príamo, rei de Troia, quando tenta convencer seu filho Heitor a desistir do combate com Aquiles, momentos antes de ser morto por este. No vigésimo segundo canto da *Iliada*, o pai enuncia:

... Tudo é adequado no jovem
Que, morto em combate, dilacerado por bronze agudo,
Jaz: mesmo morto, tudo que dele aparece é belo.
Mas quando às cãs, barba grisalha e vergonhas
De um ancião assassinado aviltam os cãs,
Nada mais é deplorável entre os coitados mortais.
Iliada, Canto 22, vv. 71-76, trad. Christian Werner

É essa coragem homérica que, elogiada e exaltada por Tirteu, ganhará destaque nas *Exortações Militares*. Isso não significa que o elegista tenha “copiado” Homero ou que apresente uma visão de mundo necessariamente homérica (Gerber, 1997, p. 106); mas que seleciona tópicos épicos, engrandece-as e as emprega retoricamente em seus poemas para propósitos diferentes dos que propunham os lugares-comuns poéticos. Platão faz o mesmo com o Fragmento 12 W, citando-o praticamente *verbatim* em duas passagens de *As Leis* (629a3-b4; 660d11-661d4).

Esse artigo se dedicará a analisar ambos os textos, em um primeiro momento isoladamente e, então, em conjunto, através da metodologia proposta pelos estudos de recepção. Pois, como Silva aponta, há no mínimo três níveis ou graus de interpretação quando se propõe um estudo sobre relações intertextuais (ou receptivas):

... toda leitura consciente das consequências envolvidas
no uso da citação deveria levar em conta, no mínimo, esses

⁶ Sigo a substituição feita pelos autores de *Elegia Grega Arcaica* (Ragusa, Brunhara, 2021, p. 45): no lugar de “amável”, a versão atualizada da tradução emprega o adjetivo “desejável” para verter a palavra grega *eratós*.

três “níveis” de interpretação no que concerne à mesma: a interpretação das palavras citadas em seu contexto “original”; a interpretação das palavras em seu “novo” contexto; a interpretação da diferença existente entre as duas interpretações anteriores. (Silva, 2015, p. 175)

Assim, propõe-se três seções: uma voltada a Tirteu e ao Fr. 12 W, incluindo uma análise sobre aspectos importantes nele que serão o foco do comentário platônico sobre o poeta espartano; outra dedicada à exegese dos trechos de *As Leis* e a por que ocorre uma citação direta da elegia nelas, articulando-as com o projeto filosófico e político do diálogo; e, por fim, uma breve avaliação do tipo de relação receptiva que se mantém entre ambos os textos, e o que uma “dialética de diferença e da similaridade” (Martindale, 2007, p. 300) pode iluminar tanto sobre cada um dos textos e contextos quanto sobre os próprios estudos de recepção.

2 Tirteu, o Fragmento 12 W e a virtude (*areté*) militar

Pouco se sabe da biografia de Tirteu, e os testemunhos que se tem dele são pouco confiáveis, histórias “contraditórias e envoltas em lenda” (Ragusa; Brunhara, 2021, p. 35). Platão afirma, em *As Leis* 629a4-5, que apesar de ter sido naturalizado espartano, possui origem ateniense. Essa anedota parece ter sido bem recebida e difundida na Antiguidade, mas os estudos de Bowra (1938, p. 41) argumentam que, provavelmente, tratar-se-ia de ficção. Talvez sua popularidade estivesse atrelada ao seu envolvimento com os eventos da Segunda Guerra Messênica, na qual, alguns testemunhos nos dizem, atuou como soldado e comandante. Sendo isso verídico ou não, ainda assim a figura do poeta desempenhou grande impacto em Esparta e em toda a Grécia, transmitindo suas canções para além da *pólis* que as originou (Bowie, 2009).

Apesar de ser considerado o porta voz dos princípios lacedemônios e uma das mais expressivas fontes sobre a história de Esparta, inclusive de sua própria constituição, o *corpus* tirtaico é bastante fragmentário. Sua entrada na *Suda* relata que compôs três tipos de poemas: um conjunto que ficou conhecido como *Constituição (Politeia Lakedaimóniois,*

que supostamente consistia nas leis espartanas e as registrava),⁷ outro dedicado à exortação à guerra e à coragem dirigida aos jovens, e o terceiro, canções militares.⁸

É no segundo grupo de poemas que esse trabalho se concentrará. A princípio, são três os poemas que fazem parte das elegias exortativas: os Fragmentos 10, 11 e 12 segundo a edição de West (1989). Esses contêm recomendações sobre a “conduta adequada de um soldado”⁹ (Gerber, 1997, p. 103). O trecho do poema citado acima, correspondente ao Fr. 10 W, é exemplar disso: Tirteu utiliza diversos recursos retóricos e poéticos, como o uso de imagens vívidas (*enárgeia*) e referências à tradição épica e homérica (Gerber, 1997, p. 106), para convencer os jovens guerreiros que lutar é admirável, honroso, e assim exortá-los a combater corajosamente. Os versos 31-32 constroem uma imagem que atenta para o fenômeno sensorial e estético da guerra (Brunhara, 2014; Ragusa; Brunhara, 2021; Swift, 2015); e ao mesmo tempo impele os jovens: “Avante! Cada um mantenha-se bem firme, ambos os pés / fixos ao chão, mordendo os lábios com os dentes!”¹⁰

Quanto ao contexto de *performance* desse fragmento, há divergências. A tese proposta por Bowie, a mais aceita atualmente, propõe que a canção teria sido composta para a *performance* e *re-performance* em banquetes ou em simpósios aristocráticos (ou, pelo menos, em seus correspondentes espartanos).

⁷ Acredita-se que esse grupo de poemas corresponde ao que Aristóteles e Estrabão denominam de *Eunomia* (boa ordem, boa lei).

⁸ Para aprofundamento da formação do *corpus* tirtaico, ver Brunhara (2014) e Gerber (1997).

⁹ “*proper conduct of a soldier*”.

¹⁰ Embora esse caráter exortativo ainda esteja presente no Fr. 12 W, seu conteúdo mais reflexivo e filosófico (Gerber, 1997, p. 12) sugere uma mudança estilística em comparação aos outros fragmentos desse tipo. Muitos estudiosos tomaram essa diferença como uma evidência de que ele não era de autoria tirtaica, considerando-o espúrio, inautêntico e posterior (Brunhara, 2014, p. 153). Jaeger, em *Tyrtaeus on True Arete* (1966), defende que os apontamentos do filólogo sobre a forma e o conteúdo supostamente tardios do poema poderiam também ser encontrados em outros poetas elegíacos arcaicos, portanto não haveria razão para recusar sua autenticidade.

Os bem conhecidos textos de Filocoro e Licurgo descrevem a mesma prática, que eles especificamente associam com tempos em que o exército espartano estava em campanha. As elegias de Tirteu eram cantadas após um banquete na *skene* do rei, e os participantes eram um seletivo grupo, análogo aos *neoi* aristocráticos que eram os simposiastas característicos nas cidades jônicas.¹¹ (Bowie, 1986, p. 15)

Adiante, ele rejeita a hipótese de que o Fr. 12 W tenha sido cantado em campo de batalha: “Não há garantias em supor que tal canto imediatamente precedia a batalha [...] ou substituíra um discurso exortativo [...]. A exortação marcial era simplesmente uma subespécie da elegia exortativa”¹² (Bowie, 1986, p. 16).

Quanto aos temas, o Fr. 12 W pode ser dividido em dois blocos: o primeiro, que compreende os versos 1-14, tipicamente retórico e centrado na descrição da natureza da verdadeira *areté* (“excelência” ou “virtude”), essencialmente a coragem na guerra; e o segundo bloco (vv. 15-44) descreve os benefícios que o exercício da coragem pode trazer não somente ao indivíduo que a conquistou (como a fama, a honra e a glória), mas também à sua *pólis*.

Não me lembraria e em verbo um varão não poria,
 pela virtude de seus pés ou de sua luta,
 nem se tivesse altura e força de Ciclopes
 e em corrida vencesse o trácio Bóreas,
 nem se tivesse porte mais grácil que Titono, 5
 e mais riquezas do que Mídas e Ciniras,
 nem se fosse mais rei que Pélops Tantalida,
 e tivesse a língua de mel de Adrasto,
 ou toda a fama, senão a bravura impetuosa;

¹¹ “The well-known texts of Philochorus and Lycurgus describe the same practice, which they specifically associate with times when the Spartan army was on campaign. Tyrtaeus’s elegies were sung after a banquet in the king *skene*, and the participants were a select group analogous to the aristocratic *neoi* who were the characteristic symposiasts in Ionian cities.”

¹² “[...] no warrant for supposing that such singing closely preceded battle [...] or took place of a speech of exhortation [...]. Martial exhortation was simply a sub-species of exhortatory elegy [...].”

pois um varão não se torna valoroso na guerra 10
 se não ousar olhar matança sanguinária,
 e, postando-se de perto, atingir inimigos.
 Tal virtude, tal prêmio, entre homens é o melhor
 e mais belo para um jovem varão receber.
 É esse um bem comum à cidade e ao povo todo, 15
 que um varão firme na vanguarda se mantenha,
 sem trégua, de todo se esqueça da torpe fuga
 arriscando a vida e o coração tenaz,
 e próximo encoraje o varão ao lado com palavras:
 eis o varão que se torna valoroso na guerra. 20
 Súbito, dispersa de varões hostis as falanges
 brutais, com zelo detém a onda da guerra.
 E, caído na vanguarda, ele próprio perde a vida,
 mas glorifica a cidade, as tropas e o pai,
 muitas vezes no peito, no escudo umbilicado 25
 e na couraça golpeado de frente.
 A ele pranteiam por igual jovens e anciãos,
 e com dolorosa saudade, a cidade toda se enluta.
 Seu túmulo e filhos são insignes entre os homens
 e o filho dos filhos, e a geração no porvir, 30
 e jamais nobre glória ou o nome dele perecem,
 mas, mesmo sob a terra, se torna imortal
 aquele que, primando por manter-se em combate
 pela terra e pelos filhos, o impetuoso Ares mata.
 Mas se escapa à sina da morte de prolongada dor 35
 e, ao vencer, conquista o triunfo ilustre da lança,
 todos o honram, por igual jovens e anciãos,
 e vive muitas alegrias antes de ir ao Hades.
 Envelhecendo, distingue-se entre os cidadãos e ninguém
 quer faltar-lhe com respeito e justiça; 40
 todos, os jovens e os de sua idade, cedem-lhe
 lugar em conselho, e também os mais velhos.
 Tente hoje cada varão ao ápice dessa virtude
 chegar, com ânimo, sem descuidar da guerra!
 Tirteu, Fr. 12 W, trad. Rafael Brunhara¹³

¹³ Também adoto as correções feitas em *Elegia Grega Arcaica* (2021).

O bloco de versos reflexivo é estruturado por uma construção em *priamel*, recurso retórico da poesia arcaica que consiste na listagem de coisas que a *persona* poética quer recusar, seguida pela proposição do que se almeja defender.¹⁴ É

... uma enumeração de itens em sequência paratática, de modo a adicionar expectativa quanto à revelação do último item e colocá-lo em posição superior aos arrolados anteriormente, que são refutados pelo poeta. A principal característica do *priamel* é, portanto, a multiplicidade de itens utilizada para realçar aquele que é considerado mais importante ou para introduzir alguma reflexão ou posicionamento moral. (Brunhara, 2014, p. 157)

O assunto sobre o qual Tirteu se pronuncia é a *areté*, ou a qualidade mais importante que um guerreiro deve ter para ser considerado virtuoso ou digno de honras legítimas. Nos versos 1-10, Tirteu enumera diversas virtudes que, ao final, ele deseja recusar em favor de uma mais grandiosa. Ainda mais que rejeitar, o poeta declara parecer-lhe indigno elogiá-las e perpetuá-las em poemas, censurando quem os faz: “Não me lembraria e em verbo um varão não poria” (v.1). Então, segue desqualificando as virtudes que elenca. Apesar de rejeitá-las, não são quaisquer: são equiparadas a paradigmas míticos que representam suas instâncias mais excelentes. A velocidade é a do vento Bóreas; a beleza, de Titono, mortal por quem a deusa Aurora se apaixonou; a altura e força bruta, dos Ciclopes; a realeza, de Pélops, um dos reis míticos mais relevantes de Esparta¹⁵ etc.

Todas essas virtudes particulares e menores estão coordenadas por uma sequência de variações da partícula negativa οὔτε/οὐδέ. A primeira indica um vínculo entre palavras e orações completas (Smyth,

¹⁴ Por exemplo, o Fr. 16 Voigt de Safo. No poema, a poetiza contrapõe a opinião dos poetas em elevar as virtudes bélicas e militares como as coisas mais belas ao seu próprio posicionamento: que Eros é o mais belo e desejável (vv. 1-4), “Uns, renque de cavalos, outros, de soldados, / outros, de naus, dizem ser sobre a terra negra / a coisa mais bela, mas eu: o que quer / que se ame.” (Ragusa, 2021, pp. 120-121)

¹⁵ Bowra (1938) salienta que o uso desses mitos se deve também à história e à cultura de Esparta.

1956, p. 662), e a segunda uma conjunção (Smyth, 1956, p. 660). O verso 1 inicia com uma construção em optativo aoristo potencial: “οὐτ’ ἄν μνησαίμην”, vertido na tradução por “Não me lembraria”. A correlação entre a segunda parte do verso, “οὐτ’ ἐν λόγῳι ἄνδρα τιθείην” (“e em verbo um varão não poria”) é estabelecida pela construção οὐτ’... οὐτ’, o que enfatiza a recusa da *persona* de cantar glórias indignas, que só se tornariam legítimas pela presença da coragem – justamente o objeto de louvor da canção. A conclusão do raciocínio só se dá nos versos 11-12, “εἰ μὴ τετλαίη μὲν ὄρων φόνον αἱματόεντα / καὶ δηίων ὀρέγοιτ’ ἐγγύθεν ιστάμενος” (“se não ousar olhar matança sanguinária, / e, postando-se de perto, atingir inimigos”). Que essas ações descrevem parte do comportamento corajoso – e, portanto, virtuoso – apenas é indicado no verso imediatamente seguinte (v. 13), que enuncia a virtude com um pronome demonstrativo, “ἧδ’ ἀρετῆ, τόδ’ ἄεθλον ἐν ἀνθρώποισιν ἄριστον / κάλλιστόν τε φέρειν γίνεται ἀνδρὶ νέωι” (“Tal virtude, tal prêmio, entre homens é o melhor / e mais belo para um jovem varão receber”). Os versos 2-9, que constituem o *priamel*, são coordenados com o primeiro pela repetição das partículas οὐτε (no caso do v. 2, em que ocorre duas vezes) e οὐδ’ εἰ iniciando uma nova cláusula a cada dois versos. A partícula εἰ reforça o sentido da *recusatio*¹⁶ proposta por esse bloco, enfatizando a ideia de “nem mesmo se...”.

Para Tirteu, todas essas virtudes singulares maximizadas pelos paradigmas míticos são ofuscadas pela virtude que considera a verdadeira: a “bravura impetuosa” (θούριδος ἀλῆς), enunciada no verso 9. Sucede-se a justificativa tirtaica do porquê considera essa a maior das virtudes: “pois um varão não se torna valoroso na guerra / se não ousar olhar matança sanguinária, / e, postando-se de perto, atingir inimigos.” (vv. 10-12). Assim, o poeta descreve aquilo de que consiste a bravura na guerra: não temer a morte e ferimentos e vencer os adversários. Essa virtude somente pode ser obtida na guerra. Obter outros bens, que também gozam de prestígio na cultura aristocrática grega, não são suficientes

¹⁶ Segundo Ragusa e Brunhara (2021, p. 58) a estrutura *priamel* do poema, em que o poeta recusa (*recusatio*) e propõe (*propositio*) argumentos ou ideias, é típico de um jogo simposiástico em que os convivas disputavam um com os outros sobre o que haveria de mais belo (*kálliston*) e de pior (*kákiston*) na vida humana.

para ser um bom homem, um ἀνὴρ ἀγαθός (*anēr agathós*), enquanto a coragem é *necessária* (Jaeger, 1966, p. 118).

Jaeger (1966, p. 120) também nota que o uso da expressão ἧδ' ἀρετή (*héd' areté*, “tal virtude”) no verso 13 indica que Tirteu está modificando esse valor, dando um novo significado para virtude que, até então, não tinha. Em Homero, *areté* denotava qualquer atividade que alguém poderia executar bem (Gerber, 1997, p. 106), como Aquiles era hábil na corrida.¹⁷ Todavia, tratando-se do *anēr agathós*, “não há nenhum indício de que Homero louve esse ou aquele herói como um paradigma do que um homem deve ser”¹⁸ (Bowra, 1938, p. 61). Já quanto ao Fr. 12 W, “[a virtude] é a soma total do valor varonil e, para [o poeta], isso é firmeza na batalha”¹⁹ (Gerber, 1997, p. 106). Fowler (1987, p. 32) posiciona-se contra a tese de Jaeger, de que Tirteu haveria mudado o valor do que significa *areté* em poemas homéricos: “A palavra ἀρετή aqui não possui um significado mais ‘moral’, ‘interior’ ou ‘social’ do que possui em Homero ou em outros autores antigos”²⁰ (Fowler, 1987, p. 32). Antes, ele estaria apenas enfatizando aquela virtude (*héd' areté*) como a mais notável para um guerreiro, dados os valores de formação militar espartanos.

Ainda que Tirteu se pronuncie contra certas concepções de virtude como excelência em algo, Luginbill argumenta que o fragmento não propõe uma definição unívoca e total de *areté* como a bravura. Em vez disso, “ele está meramente proclamando a ἀρετή marcial, previamente discutida, como suprema”²¹ (Luginbill, 2002, p. 407), referente a virtudes particulares, não da total ou completa. Segundo o classicista, seu propósito não é filosofar sobre o conceito de *areté* ou “ratificar um sentimento comumente mantido”²² (Luginbill, 2002, p. 409), mas convencer ou persuadir os jovens espartanos a participarem do exército.

¹⁷ Para uma discussão mais detalhada, ver Adkins, *Merit and Responsibility* (1975).

¹⁸ “There is no hint that Homer praised this or that hero as a type of what a man ought to be.”

¹⁹ “... it is the sum total of one’s manly worth and for him this is steadfastness in battle.”

²⁰ “The word ἀρετή here has no more ‘moral,’ ‘inner’ or ‘social’ significance than it does in Homer or in other early authors.”

²¹ “He is merely proclaiming the previously discussed martial ἀρετή supreme”.

²² “... not to ratify a commonly held sentiment.”

Depois de declarar qual é a virtude digna de ser lembrada e posta em versos, a *persona* poética passa a exortar essa qualidade de uma forma mais típica elegíaca, ao modo dos Frs. 10 e 11 W. Assim, dos versos 15 a 44, há uma descrição vívida dos benefícios que uma vida empenhada em exercitar a coragem pode legar tanto ao guerreiro quanto à sua família e *pólis*, como se pode ler em vv. 21-26: “Súbito, dispersa de varões hostis as falanges / brutais, com zelo detém a onda da guerra. / E, caído na vanguarda, ele próprio perde a vida, / mas glorifica a cidade, as tropas e o pai, / muitas vezes no peito, no escudo umbilicado / e na couraça golpeado de frente”.

Embora a análise do poema proposta para este artigo esteja voltada para o primeiro bloco temático, há alguns elementos que valem ser mencionados. Em particular, o patriotismo e a dimensão cívica da glória do guerreiro bravo; e uma descrição da coragem na guerra que remete à *aristeia* de personagens iliádicos (Diomedes, Aquiles e Pátroclo). Nos versos 23-24, “E, caído na vanguarda, ele próprio perde a vida, / mas glorifica a cidade, as tropas e o pai”, e 39-42, “Envelhecendo, distingue-se entre os cidadãos e ninguém / quer faltar-lhe com respeito e justiça; / todos, os jovens e os de sua idade, cedem-lhe / lugar em conselho, e também os mais velhos.”, percebe-se que, além do guerreiro ter a glória individual, sua virtude é política. A *pólis* espartana, então, promete honras e celebra os combatentes; seu serviço militar é o que o torna uma boa pessoa e um bom cidadão. Essa constituição, notadamente marcial, engrandece e equaliza os valores de cidadania e de coragem, e torna-se nobre quem é corajoso (Jaeger, 1966, p. 119). Sobre isso, Bowra comenta:

O soldado de Tirteu luta não por ele mesmo mas por sua cidade; ele luta não sozinho mas em regimentos; sua honra advém não de uma posterioridade anônima mas dos homens de seu Estado. Ele é um cidadão antes de ser um herói, e ele apenas se torna um herói sendo um bom cidadão.²³ (Bowra, 1938, p. 69-70)

²³ “*Tyrtaeus’s Soldier fights not for himself but for his city; he fights not alone but in regiments; his honor comes not from an anonymous posterity but from his countrymen. He is a citizen before he is a hero, and he only becomes a hero by being a good citizen.*”

“Essa *aretê*” (v. 13), definida como a bravura no verso 9, é o que determina “o bem-estar comum da *pólis*”²⁴ (Jaeger, 1966, p. 120), além de garantir a estabilidade de Esparta frente às ameaças externas, tanto de seu povo quanto de sua constituição militarizante. O herói tirtaico, assim, se distingue do herói homérico porque o último luta por razões próprias, por promessas de uma realização privada que apenas ele usufruirá. Na *Iliada*, o único motivo pelo qual Aquiles se retira da guerra é ter sido ofendido pelo comandante dos Aqueus, Agamêmnon; e o único motivo pelo qual o herói retorna é vingar a morte de seu companheiro, Pátroclo, matando seu assassino, Heitor. O herói tirtaico nunca seria considerado herói se abandonasse as linhas de frente do combate como Aquiles fez. As exortações de caráter público e político de Tirteu explicitam bastante as críticas a esse comportamento (vv. 15-16).

No entanto, os versos 10-12 aludem ao espetáculo da guerra homérico, tão impressionante e influente na poesia arcaica (Swift, 2015, p. 24): “pois um varão não se torna valoroso na guerra / se não ousar olhar matança sanguinária, / e, postando-se de perto, atingir inimigos”. Essa descrição do comportamento guerreiro diante da chacina das batalhas é equiparável às *aristeiai* heroicas de Homero (Ragusa, Brunhara, 2021, p. 59). Como ilustração, eis um trecho do Canto XX da *Iliada*, que trata de Aquiles:

Como quando alguém junte bois larga-fronte
para pisotearem cevada branca numa eira bem-arranjada,
e fácil é ela debulhada sob os pés dos pois que magem,
assim, sob o animoso Aquiles, os cavalos monocasco
pisoteavam cadáveres e escudos: de sangue o eixo inteiro,
por baixo, foi salpicado, bem como os peitoris nos dois lados,
atingidos por gotas de sangue dos cascos dos cavalos
e dos aros das rodas. Ele almejava granjear glória,
o Pelida, e as mãos intocáveis sujou de sangue.
Iliada, Canto XX, vv. 495-503, trad. Christian Werner

Assim, pode-se afirmar que, tanto nas referências míticas quanto no conteúdo da reflexão sobre a *aretê*, o poeta elegíaco estabelece um

²⁴ “*common welfare of the polis.*”

diálogo com a tradição épica e homérica; sem, contudo, igualar o seu herói e seus valores aos presentes em Homero. Tem-se aí os dois primeiros elos de uma cadeia receptiva que chegará na Atenas do séc. V a.C. de Platão, com suas semelhanças e diferenças.

3 Platão, *As Leis* e Tirteu reescrito

As obras de Platão foram e continuam sendo muito influentes no pensamento ocidental. Apesar da recepção de Platão o tenha retratado como um inimigo da poesia e das artes por causa das críticas feitas à *mímēsis* na *República* – o que resulta na expulsão do poeta da cidade ideal, *Kallipolis* –, a prosa platônica também é constituída pelo diálogo com tradições poéticas, míticas e literárias, contemporâneas e anteriores a Platão. Essas críticas são antes questionamentos a respeito da legitimidade da autoridade pedagógica daqueles que educavam o povo grego – os poetas. As filosofias socrática e platônica movimentam a autonomia do pensamento crítico, mostrando que o verdadeiro conhecimento é algo difícil de obter, e que a maioria dos que declaravam tê-lo não o tinham de fato. Ademais, Platão “está sempre ciente do contexto de *performance* de um gênero [poético] e dos modos pelos quais são implicadas nas instituições sociais e políticas da democracia ateniense”²⁵ (Nightingale, 1995, p. 9).

As Leis é um diálogo que, de modo semelhante à *República* (este sendo da fase intermediária do *corpus* platônico; aquele, do tardio) propõe-se a fundar uma cidade. Nele, as personagens Clíncias e Megilo (oriundos de Creta e Esparta, respectivamente) são questionados pelo Estrangeiro Ateniense – interrogador cujo protagonismo, na maioria dos outros diálogos, é concedido a Sócrates – a respeito de como será essa cidade, que mais tarde no diálogo será nomeada de Magnésia. Ao mesmo tempo, ambos os escritos apresentam diferenças significativas. Para os objetivos presentes, importa o método pelo qual a cidade será fundada: *Kallipolis* é revelada pelo raciocínio dialético que constitui o diálogo, tendo como princípios a Justiça e o Bem supremo. Já Magnésia

²⁵ “For he is always aware of a genre’s context of performance and the ways in which it is implicated in the social and political institutions of the Athenian democracy.”

terá como base constituições que de fato existiam – ou, pelo menos, tal como eram interpretadas por Platão.

Desse modo, o Ateniense interroga seus interlocutores a respeito das leis de suas *póleis* de origem. Os três conversam enquanto caminham em direção ao templo de Zeus, em solo cretense. O tema proposto é colocado pelo Ateniense em 625c6-8, Livro I de *As Leis*: “καί μοι λέγε· κατὰ τί τὰ συσσίτια τε ὑμῖν συντέταχεν ὁ νόμος καὶ τὰ γυμνάσια καὶ τὴν τῶν ὄπλων ἔξιν;” “Pois fala-me. Por causa do quê a vossa lei ordena refeições comuns, exercícios de ginástica e a posse de armas?”²⁶ Na sequência, Clíniás responde que o legislador cretense instituiu esses costumes com vistas à guerra, à segurança da *pólis* e à autopreservação.

É nesse ponto que se coloca o primeiro conflito do diálogo. O Ateniense julga que uma constituição não deveria ser fundada visando a excelência na guerra, pois a virtude mais valorosa seria a coragem. Além de poder dar vazão a outras qualidades viciosas, o Ateniense os critica por não considerarem a virtude *inteira*, somente uma parte dela. Em 630a1-d1, ele fala:

Ἡμεῖς δὲ γε ἀγαθῶν ὄντων τούτων ἔτι φαιμέν ἀμείνους εἶναι καὶ πολὺ τοὺς ἐν τῷ μεγίστῳ πολέμῳ γιγνομένους ἀρίστους διαφανῶς· ποιητὴν δὲ καὶ ἡμεῖς μάρτυρ' ἔχομεν, Θεόγνιν, πολίτην τῶν ἐν Σικελίᾳ Μεγαρέων, ὃς φησιν –

πιστὸς ἀνὴρ χρυσοῦ τε καὶ ἀργύρου ἀντερεύσασθαι ἄξιος ἐν χαλεπῇ, Κύρνε, διχοστασίῃ.

τοῦτον δὲ φαιμέν ἐν πολέμῳ χαλεπωτέρω ἀμείνονα ἐκείνου πάμπλου γίγνεσθαι, σχεδὸν ὅσον ἀμείνων δικαιοσύνη καὶ [630b] σωφροσύνη καὶ φρόνησις εἰς ταῦτόν ἐλθοῦσαι μετ' ἀνδρείας, αὐτῆς μόνης ἀνδρείας. πιστὸς μὲν γὰρ καὶ ὑγιῆς ἐν στάσεσιν οὐκ ἂν ποτε γένοιτο ἄνευ συμπάσης ἀρετῆς· διαβάντες δ' εὖ καὶ μαχόμενοι ἐθέλοντες ἀποθνήσκειν ἐν ᾧ πολέμῳ φράζει Τύρταιος τῶν μισθοφόρων εἰσὶν πάμπολλοι, ὧν οἱ πλείστοι γίνονται θρασεῖς καὶ ἄδικοι καὶ ὑβρισταὶ καὶ ἀφρονέστατοι σχεδὸν πάντων, ἐκτὸς δὲ τινων εὖ μάλα ὀλίγων. ποῖ δὲ τελευτᾶ νῦν ἡμῖν οὗτος ὁ λόγος, καὶ τί [630c] φανερόν ποτε ποιῆσαι βουλευθεὶς λέγει ταῦτα; δῆλον ὅτι τόδε, ὡς παντὸς μᾶλλον καὶ ὁ τῆδε παρὰ Διὸς νομοθέτης,

²⁶ Todas as traduções de *As Leis* são próprias.

πᾶς τε οὗ καὶ σμικρὸν ὄφελος, οὐκ ἄλλο ἢ πρὸς τὴν μεγίστην ἀρετὴν μάλιστα βλέπων ἀεὶ θήσει τοὺς νόμους· ἔστι δέ, ὡς φησιν Θεόγνις, αὕτη πιστότης ἐν τοῖς δεινοῖς, ἣν τις δικαιοσύνην ἂν τελέαν ὀνομάσειεν. ἦν δ' αὖ Τύρταϊος ἐπήνεσεν μάλιστα, καλὴ μὲν καὶ κατὰ καιρὸν κεκοσμημένη τῷ ποιητῇ, τετάρτη μέντοι ὄμως ἀριθμῷ τε καὶ δυνάμει τοῦ [630d] τιμία εἶναι λέγοιτ' ἂν ὀρθότατα.

Contudo, mesmo que esses bens sejam de fato bens, nós ainda sustentamos que, manifestamente, há muitas e melhores virtudes dentre as que vêm a ser na grande guerra. Ademais, temos como testemunha o poeta Teógnis, cidadão de Megara na Sicília, que disse

“Homem íntegro é digno de seu peso em ouro e prata, Cirno, na dura disputa.”

De fato, afirmamos que na mais dura guerra é, no geral, melhor ser íntegro que corajoso, mais ou menos como é melhor que a justiça, a [630b] temperança e a sabedoria andem junto à coragem na mesma direção, do que a própria coragem sozinha. Além disso, ser íntegro e honrado em uma sedição é em qualquer lugar impossível sem a virtude completa. Na guerra que Tirteu descreve, os homens que se mantêm bem firmes ao lutarem à espera da morte são muitos entre os mercenários, mas sua maioria é insolente, injusta, transgressora e, acima de tudo, os mais imprudentes, exceto uma pequena minoria. Enfim, qual é a conclusão da nossa conversa e o que falas almejando tornar esses assuntos mais claros? Isso é evidente, que o legislador que se aconselha junto a Zeus, ou tudo que for uma pequena ajuda, mais que todos sempre instituirá as leis sobretudo visando nada outro que a maior virtude. Essa virtude, como disse Teógnis, é a mais íntegra nos momentos terríveis, a qual chamaria de justiça perfeita. Já a virtude mais elogiada por Tirteu, embora seja bela e honrada na medida certa pelo poeta, seria mais corretamente declarada como a quarta em número, tanto em poder quanto em honra. (Lg. 630a1-d1)

Nessa fala do Ateniense, enuncia-se a principal crítica feita às leis ou costumes espartanos. Como representante e porta-voz desse

modo de vida, Platão elege o poeta Tirteu. Metonimicamente, o que o elegista compôs é tomado como o que de fato ocorre em Esparta, e não sem razão. Afinal, em uma cultura oral tal como a da Grécia, o poeta é em grande medida responsável pela educação do povo (Havelock, 1963; Jaeger, 2013) – justamente a causa das críticas à poesia da *República*. Segundo Morrow (1960, p. 49-50), “a referência de Platão a essas canções (629a,e) mostra que ele está ciente de sua importância em moldar o caráter espartano”²⁷. No caso do trecho acima, ele critica a coragem como a maior e mais importante virtude. Enquanto concede que a coragem é uma virtude – especificamente na guerra –, ele insiste que não é a única nem a mais importante. Assim, ele propõe uma lista reformulada e reorganizada, alterando o ranqueamento hierárquico delas: primeiramente, a justiça; depois, a temperança; em terceiro lugar, a sabedoria; em quarto e último, a coragem. Se os guerreiros forem à guerra sendo “virtuosos” apenas quanto à coragem, há um risco – e não desprezível, segundo o protagonista do diálogo – deles desenvolverem características vis. Não sendo justos, temperantes e sábios, os soldados facilmente se tornariam insolentes, injustos, transgressores e imprudentes.

O guerreiro tirtaico exemplifica os homens bravos que, não possuindo essas outras virtudes antes que a coragem, poderiam criar disposições éticas más na guerra. Quando o Ateniense menciona o poeta, ele fala o seguinte: “Na guerra que Tirteu descreve, os homens que se mantêm bem firmes ao lutarem à espera da morte são muitos entre os mercenários”. Essas palavras são paráfrases de versos compartilhados pelos Fr. 10 (vv. 31-32) e 11 (vv. 21-22) W: “Avante! Cada um mantenha-se bem firme, ambos os pés / fixos ao chão, mordendo os lábios com os dentes!”; no Fr. 12 W, vv. 15-19: “É esse um bem comum à cidade e ao povo todo, / que um varão firme na vanguarda se mantenha, / sem trégua, de todo se esqueça da torpe fuga / arriscando a vida e o coração tenaz”. Apesar do protagonista do diálogo aceitar que Tirteu não elogie a bravura mais do que deveria (afinal, ele o faz com “justa medida”, *κατὰ καιρὸν*), ele demonstra preocupação em elogiar *somente* ela. Como contraexemplo, o Ateniense cita um excerto da *Teognideia* (poemas atribuídos ao estilo

²⁷ “Plato’s reference to these songs (629a,e) shows that he is aware of their importance in molding the Spartan character.”

de Teógnis, poeta megarense): “Homem íntegro é digno de seu peso em ouro / e prata, Cirno, na dura disputa”. Para Platão, o adjetivo “íntegro”, πιστός (“confiável”, “fiel”, “de boa fé”), corresponde à virtude inteira – isto é, à coragem, temperança, justiça e sabedoria.

É com essa crítica no horizonte que o Ateniense cita Tirteu pela primeira vez nesse contexto, em 629a3-b4 (poucas linhas antes da citação acima). Ele declara:

καί μοι τῷ λόγῳ συνακολουθήσατε. προστησώμεθα γούνη Τύρταιον, τὸν φύσει μὲν Ἀθηναῖον, τῶνδε δὲ πολίτην γενόμενον, ὃς δὴ μάλιστα ἀνθρώπων περὶ ταῦτα ἐσπούδακεν εἰπὼν ὅτι – οὔτ' ἂν μνησαίμην οὔτ' ἐν λόγῳ ἄνδρα τιθείμην [629b] οὔτ' εἰ τις πλουσιώτατος ἀνθρώπων εἴη, φησίην, οὔτ' εἰ πολλὰ ἀγαθὰ κεκτημένος, εἰπὼν σχεδὸν ἅπαντα, ὃς μὴ περὶ τὸν πόλεμον ἄριστος γίγνοιτ' ἀεί. ταῦτα γὰρ ἀκήκοάς που καὶ σὺ τὰ ποιήματα· ὅδε μὲν γὰρ οἶμαι διακορῆς αὐτῶν ἐστί.

Acompanhem meu raciocínio. Coloquemo-nos diante de Tirteu, então, nascido ateniense, mas tornado cidadão espartano. Dentre os homens, foi ele quem mais se dedicou a essa questão, tendo falado que – “Não recordaria nem em versos preservaria um homem”, [629b] “nem mesmo se fosse o mais rico dos homens”, ele disse, “nem se tivesse obtido muitos bens”, tendo enumerado quase todos eles, “que não tenha se provado continuamente virtuoso na guerra”. Com efeito, também você, Clíniás, já escutou esses poemas por aí. Quanto a você, Megilo, creio que já se cansou de ouvi-los. (Lg. 629a3-b4)

Sabemos que esse trecho cita Tirteu por Platão nomeá-lo antes de referenciar o poema e pela similaridade, quase idêntica, entre ambos os textos. Há, contudo, diferenças substanciais no vocabulário empregado, na ordenação dos itens, exclusão das referências míticas e na própria integridade do Fr. 12 W.²⁸ Abaixo, segue as correlações entre os textos de acordo com a ordem apresentada em *As Leis*:

²⁸ Brunhara (2014 p. 148) nota que os mesmos versos são, também, repetidos pelo poeta da *Teognideia*, vv. 1003-1006.

	TIRTEU, FR. 12 W	PLATÃO, AS LEIS, LIVRO I
v.1	οὐτ' ἂν μνησαίμην οὐτ' ἐν λόγῳ ἄνδρα τιθείην Não me lembraria e em verbo um varão não poria ²⁹	οὐτ' ἂν μνησαίμην οὐτ' ἐν λόγῳ ἄνδρα τιθείμην ³⁰ Não recordaria nem em versos preservaria um homem
v.6	πλουτοίη δὲ Μίδ<εω> καὶ Κινύρ<εω> μάλιον e mais riquezas do que Mídas e Cíniras	οὐτ' εἴ τις πλουσιώτατος ἀνθρώπων εἶη nem mesmo se fosse o mais rico dos homens
		οὐτ' εἰ πολλὰ ἀγαθὰ κεκτημένος, εἰπὼν σχεδὸν ἅπαντα nem se tivesse obtido muitos bens, tendo enumerado quase todos eles,
vv. 10-12	οὐ γὰρ ἀνὴρ ἀγαθὸς γίνεται ἐν πολέμοι εἰ μὴ τετλαίη μὲν ὄρων φόνον αἱματόεντα, καὶ δηίων ὀρέγοιτ' ἐγγύθεν ιστάμενος. pois um varão não se torna valoroso na guerra se não ousar olhar matança sanguinária, e, postando-se de perto, atingir inimigos	ὄς μὴ περὶ τὸν πόλεμον ἄριστος γίγνοιτ' ἀεὶ que não tenha se provado continuamente virtuoso na guerra

Dessa tabela, conclui-se que Platão omite diversos versos (por exemplo, do v. 2 até o v. 5; do v. 7 até o v. 9) e reformula outros – o caso mais extremo sendo ὄς μὴ περὶ τὸν πόλεμον ἄριστος γίγνοιτ' ἀεὶ, que corresponde aos vv. 10-12. O Ateniense também não elenca todos os bens ou “virtudes” presentes na elegia, resumindo-os como πολλὰ ἀγαθὰ, “muitos bens”. Dado o contexto de *performance* das canções elegíacas, muito provavelmente refeições comuns ou simpósios, talvez as alterações feitas por Platão tenham decorrido dos mecanismos de transmissão da poesia, sendo apresentadas diversas vezes e para diferentes públicos (Brunhara, 2014, p. 149, Bowie, 1986 e 2009; Faraone, 2010,

²⁹ Para as traduções diretas de Tirteu, preservo as de Brunhara. As apresentadas através de As Leis são próprias.

³⁰ Os destaques em vermelho indicam diferenças na grafia das palavras, diferenças de dialeto, formas verbais ou mudança de palavras.

p. 112-113). Assim, a *re-performance* de poemas também influencia em como eles são transmitidos e apresentados, a depender da situação. O *performer* ou poeta

... adaptava [os poemas] para uma ocasião particular que estivesse em voga no momento, dando assim um novo ambiente para os versos de seus antecessores. Desse modo, o poema de seu predecessor era trazido para as necessidades do momento atual e assim – talvez possa se considerar – o adequaria a um momento de *performance* específica. (Brunhara, 2014, p. 149)

A sequência imediata da citação do Fr. 12 W dá suporte a essa hipótese. O Ateniense se dirige a Clíneas e assume que já estivesse familiarizado com Tirteu, o que não é diretamente respondido pelo cretense. Morrow (1960, p. 29) considera que a vida cultural de Creta tenha sido mantida à parte da do resto da Grécia, pois Clíneas menciona não conhecer muitos poetas estrangeiros e insinua não ter tido contato com matemática (818e) – com uma exceção, Tirteu. Assim, presumimos que Creta conheça o poeta espartano – além da causa de ambas as constituições possuírem origens dóricas – porque seus poemas eram cantados lá. Essa menção à *re-performance* dos poemas torna mais plausível a hipótese defendida aqui de que a citação de Tirteu pelo Ateniense esteja marcada pela oralidade das canções – com suas adaptações contextuais, registros de transmissão oral e diferentes interpretações possíveis. A respeito da composição do poema, Faraone sugere que as versões que temos do Fr. 12 W são, de fato, de períodos diferentes: uma mais ordenada e anterior, e a outra, que Platão teria conhecido, à qual elementos foram adicionados ou alterados conforme o tempo:

... a adição [vv. 31-34] foi feita durante o período clássico, mas provavelmente não [...] pela mão de um escriba alterando com um manuscrito anterior dos poemas de Tirteu, mas por uma *re-performance* oral de um outro

poeta improvisando em um simpósio em uma casa rica em Atenas.³¹ (Faraone, 2010, p. 112-113)

Essa prática poética, de interpolação, alusão e ressignificação entre os próprios antigos é mais uma vez enunciada, dessa vez com estratégias mais complexas, em 660d11-661d4:

Φέρε δῆ, συνομολογησόμεθα τὰ νῦν. ἄλλο τι παρ᾽ [660e] ὑμῖν ἐν πάσῃ παιδείᾳ καὶ μουσικῇ τὰ λεγόμενά ἐστι τάδε; τοὺς ποιητὰς ἀναγκάζετε λέγειν ὡς ὁ μὲν ἀγαθὸς ἀνὴρ σὺφρων ὢν καὶ δίκαιος εὐδαίμων ἐστὶ καὶ μακάριος, ἐάντε μέγας καὶ ἰσχυρὸς ἐάντε μικρὸς καὶ ἀσθενὴς ἦ, καὶ ἐὰν πλουτῆ καὶ μὴ· ἐὰν δὲ ἄρα πλουτῆ μὲν Κινύρα τε καὶ Μίδα μᾶλλον, ἦ δὲ ἄδικος, ἄθλιός τ᾽ ἐστὶ καὶ ἀνιαρῶς ζῆ. καὶ “<Οὐτ᾽ ἂν μνησαίμην>,” φησὶν ὑμῖν ὁ ποιητής, εἴπερ ὀρθῶς λέγει, “οὐτ᾽ ἐν λόγῳ ἄνδρα τιθείμην,” ὃς μὴ πάντα τὰ λεγόμενα καλὰ μετὰ δικαιοσύνης πράττει καὶ κτῆτο, καὶ δὴ [661a] “καὶ <δηῖων>” τοιοῦτος ὢν “ὀρέγοιτο <ἐγγύθεν ἰστάμενος>,” ἄδικος δὲ ὢν μῆτε τολμῶ “ὀρῶν φόνον αἱματόεντα” μῆτε νικῶ θεῶν “Θρηίκιον Βορέην,” μῆτε ἄλλο αὐτῶ μηδὲν τῶν λεγομένων ἀγαθῶν γίγνοιτό ποτε. τὰ γὰρ ὑπὸ τῶν πολλῶν λεγόμενα ἀγαθὰ οὐκ ὀρθῶς λέγεται. [...] ταῦτα δὴ λέγειν, οἶμαι, τοὺς παρ᾽ ὑμῖν ποιητὰς, ἅπερ ἐγὼ, πείσετε καὶ ἀναγκάσετε, καὶ ἐτι τούτοις ἐπομένους ῥυθμούς τε καὶ ἁρμονίας ἀποδιδόντας παιδεύειν οὕτω τοὺς νέους ἡμῶν.

Vamos lá, então! Concordemos no seguinte. Com efeito, não há ditos, entre [660e] os seus povos, como este em relação à educação como um todo e à música? Vocês forçam os poetas a falarem que o homem bom, por ser temperante e justo, é feliz e bem-aventurado, independentemente se for grande e forte ou pequeno e fraco, se for rico ou não? E, se ele for mais rico do que Círiro e Mídas, porém injusto, é infeliz

³¹ “the addition was made during the classical period, but probably not [...] by the hand of a scribe tampering with an early manuscript of Tyrtaeus’ poems, but rather during an oral re-performance by another poet improvising at a symposium in a wealthy house in Athens.”

e vive em aflição? “Não recordaria”, declara o seu poeta, se de fato fala corretamente, “nem preservaria em versos um homem” que não agisse/realizasse nem obtivesse com justiça tudo o que é chamado de belo, ainda que, em tal condição, “fosse hostil”, [661a] e “aos inimigos próximos atacasse mantendo-se firme”, mesmo sendo injusto, e se sentisse encorajado “observando o massacre sanguíneo”, e vencesse em uma corrida “o Trácio Bóreas”, e alcançasse qualquer outro dos chamados bens que o próprio bem. Com efeito, as coisas ditas boas pela maioria das pessoas não são corretamente intituladas desse modo. [...] Creio que vocês persuadirão e forçarão os seus poetas a falarem essas mesmas coisas que eu estou dizendo, a educarem os jovens desta forma, conformando-se a elas ao lhes produzir ritmos e harmonias.

Quanto aos versos, pode-se estabelecer a seguinte comparação:

	TIRTEU, FR. 12 W	PLATÃO, AS LEIS, LIVRO I
v. 6	πλουτοίη δὲ Μίδ<εω> καὶ Κινύρ<εω> μάλιον, e mais riquezas do que Midas e Cíniras	ἐὰν δὲ ἄρα πλουτῆ μὲν Κινύρα τε καὶ Μίδα μᾶλλον mais rico do que Ciniras e Midas
v. 1	οὔτ' ἂν μνησαίμην οὔτ' ἐν λόγῳ ἄνδρα τιθείην Não me lembraria e em verbo um varão não poria,	“<Οὔτ' ἂν μνησαίμην>,” φησὶν ὑμῖν ὁ ποιητής, εἴπερ ὀρθῶς λέγει, “οὔτ' ἐν λόγῳ ἄνδρα τιθείμην,” “Não recordaria”, declara o seu poeta, se de fato fala corretamente, “nem preservaria em versos um homem”
v.12	καὶ δῆϊον ὀρέγοιτ' ἐγγύθεν ἰστάμενος. e, postando-se de perto, atingir inimigos.	“καὶ <δηϊον>” τοιοῦτος ὢν ³² ³³ “ὀρέγοιτο <ἐγγύθεν ἰστάμενος>,” ἄδικος δὲ ὢν em tal condição, “fosse hostil”, e “aos inimigos próximos atacasse mantendo-se firme”, mesmo sendo injusto

³² Comentadores divergem em como interpretar esse τοιοῦτος ὢν. Meyer (2015, p. 254) defende que se refere ao sujeito da oração do poema de Tirteu, “aos inimigos próximos... resistisse mantendo-se firme”, contrastando com ἄδικος δὲ ὢν, “mas que age injustamente”.

³³ Os destaques em azul indicam inserções de Platão para “corrigir” o poema.

v.11	εἰ μὴ τετλαίῃ μὲν ὄρων φόνον αἱματόεντα , se não ousar olhar matança sangui- nária,	“ὄρων φόνον αἱματόεντα” “observando o massacre sangüinário”
v. 4	νικῶν δὲ θεῶν Θρηϊκίον Βορέην, e em corrida vencesse o trácio Bó- reas,	μήτε νικῶ θεῶν “Θρηϊκίον Βορέην ,” e vencesse em uma corrida “o Trácio Bóreas”

Em primeiro lugar, percebe-se que, nesta segunda citação, Platão recupera alguns exemplos míticos, como Cínicas, Mídas e Bóreas. Além disso, o Ateniense altera deliberadamente o poema, declarando ser uma versão corrigida, “se de fato [o poeta] *fala* corretamente” (εἴπερ ὀρθῶς λέγει). Nesse ponto, devemos lembrar que

... com relação às obras de inúmeros pensadores da tradição helênica (poética e filosófica), é preciso ter em mente que Platão as *reslê*: suas proposições não são o fruto de “mal-entendidos” ou de interpretações apressadas, mas de uma prática deliberada de manipulação da citação como instrumento de embates pedagógicos (com consequências epistemológicas, políticas, filosóficas, entre outras). (Silva, 2017, p. 212)

Na versão retificada, o raciocínio seria o seguinte: se um homem for injusto, ele não é virtuoso nem digno de ser eternizado em poemas. A bravura, caracterizada no Fr. 12 W por continuar lutando e sentir-se encorajado a (ser ou audacioso o suficiente para³⁴) olhar o sangue do massacre, não é mais a condição necessária para a virtude, pois o foco de Platão está na justiça. As inserções platônicas no poema exibem essas ressalvas: “, porém injusto, é infeliz e vive em aflição?”; “que não agisse/ realizasse nem obtivesse com justiça tudo o que é chamado de belo”; “mesmo sendo injusto”; “e alcançasse qualquer outro dos chamados bens que o próprio bem”. Para Tirteu, os outros bens são ofuscados pela coragem; para o Ateniense, nem a coragem nem outros bens podem ser o critério para um verdadeiro bem. Afinal, a *mousiké* é responsável por

³⁴ Platão emprega a palavra *tolme*, que denota “ousar” e “sentir-se encorajado”.

educar os jovens e cultivar a cidadania. Se os cantos elogiarem somente a coragem e não a virtude como um todo, há mais chances de os jovens tornarem-se injustos e vis. Visto que a principal preocupação do Ateniense no contexto dos trechos analisados é, justamente, a educação dos jovens, a “tresleitura” de Tirteu também serve como uma correção pedagógica. Do mesmo modo que o poeta teve uma participação importante na construção da identidade cívica e comportamental dos espartanos exortando-os a lutar e elevando os caracteres militares, o poema corrigido do Ateniense exalta a justiça e a virtude inteira visando que os cidadãos sejam igualmente virtuosos. Como afirma Jaeger (1966, p. 133), “[p]ara Platão, o ideal de *areté* de Tirteu é um passo necessário mas inferior na estrutura dialética no domínio da *areté* humana, visto que, para Platão, a guerra não é o objetivo do estado nem da educação.”³⁵

Zichi (2013, p. 15) argumenta que essa apropriação de Tirteu por Platão seria uma forma de integrar as canções elegíacas na cidade ideal, respondendo diretamente à expulsão dos poetas no décimo livro da *República*, em 605b-c. Contudo, deve-se lembrar que esses argumentos não são repetidos com a mesma intensidade em *As Leis* – o Ateniense já parte do pressuposto que a *mousiké* será necessária e protagonista na educação de Magnésia. Tratar-se-ia de como poetas poderiam ser corrigidos para melhor servirem aos propósitos da mais excelente *pólis* possível, antes que sua reabilitação – algo que teria sido herdado da *República*. Ademais, não se deve perder de vista que a própria forma de Platão fazer filosofia é por meio do diálogo com a tradição poética e mítica da Grécia, não a negando ou rejeitando. Ao analisar a influência da tragédia e comédia na construção de *Górgias*, Lopes (2016, p. 39) afirma que “Platão, compreendendo o poder de ‘fascínio’ e ‘sedução’ do discurso poético [...], usa e transforma os elementos e os *topoi* do drama ático em uma nova forma de escrita em prosa: o *diálogo filosófico*”.

³⁵ “For Plato, Tyrtaeus’s ideal of arete is a necessary but lowest step in the dialectical structure of the realm of human arete, since for Plato war is neither the goal of the state nor of education.”

4 Conclusão

À luz das discussões propostas pelo recente campo de recepção dos clássicos, esse artigo procurou percorrer uma cadeia receptiva da Antiguidade que inicia na tradição épica oral, passa por Tirteu e culmina em Platão. Empregando a dialética da semelhança e diferença enunciada por Martindale, foi possível pontuar como a concepção de virtude em cada um desses poetas é construída e representada por meio de imagens bélicas e reflexões sobre a guerra.

Em Homero, um herói exerce sua excelência em alguma atividade específica, sem concepção de uma *areté* completa, e a maior demonstração de virtude guerreira é exemplificada na *aristeia*, consistindo na bravura de derrubar e matar muitos inimigos em sequência. Já em Tirteu, enquanto os bens são muitos, a *areté* é definida como a bravura na guerra, e o bom homem é o homem corajoso que não teme perder a própria vida, mesmo diante de um massacre. Platão critica ambas as definições de *areté*, mencionando o poeta Teógnis e sua compreensão da virtude como justiça. O Estrangeiro Ateniense, então, cita o Fr. 12 W duas vezes em *As Leis*, ampliando o conceito de *areté* de Teógnis e principalmente de Tirteu. Para ele, a virtude deve ser inteira: com primazia à justiça.

Essas referências, críticas e ampliações de conceito constituem um estudo de caso pertinente aos estudos de recepção na Antiguidade, representando como as tradições de diferentes séculos interagem e dialogam entre si. Por um lado, elas reconhecem sua importância e até as elevam integrando-as às novas obras; por outro, elas se mostram críticas de certas concepções e as reelaboram para seus diferentes propósitos. As *aretai* épicas, vistas explicitamente em Homero, são incorporadas na poesia de Tirteu e transformadas em uma concepção que privilegia a coragem como uma virtude singular, e essa, por sua vez, é relida por Platão e colocada em quarto lugar na hierarquia de virtudes, na qual consiste a *areté* inteira.

Referências

ADKINS, Arthur. *Merit and Responsibility: A Study in Greek Values*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

BOWIE, Ewen. Early Greek Elegy, Symposium and Public Festival. In: *The Journal of Hellenic Studies*, v. 106, p. 13-35, 1986. DOI: <https://doi.org/10.2307/629640>.

BOWIE, Ewen. Wandering Poets, archaic style. In: HUNTER, Richard; RUTHERFORD, Ian. (eds). *Wandering Poets in Ancient Greek Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 105-136, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511576133.005>.

BOWRA, Cecil Maurice. *Early Greek Elegists*. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 1938.

BRUNHARA, Rafael. *As Elegias de Tirteu: poesia e performance na Grécia Arcaica*. São Paulo: Humanitas, 2014.

FARAONE, Chistopher A. *The Stanzaic Architecture of Early Greek Elegy*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FOWLER, Robert L. *The Nature of Early Greek Lyric: Three preliminary studies*. Toronto: University of Toronto Press, 1987.

GERBER, Douglas. Elegy. In: GERBER (ed). *A Companion to the Greek Lyric Poets*. Mnemosyne: bibliotheca classica Batava. Supplementum. Leiden; New York; Köln: Brill, 1997, p. 89-132.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HAVELOCK, Erick A. *Preface to Plato*. 1ª edição. EUA: The Belknap Press of Harvard University Press, 1963.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora / SESI-SP Editora, 2018.

JAEGER, Werner. *Five Essays*. Translated by Adele Fiske. Montreal: Mario Cassalini Ltd., 1966.

JAEGER, Werner. *Paideia: A formação do Homem Grego*. 6ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOPES, Daniel R. N. Ensaio Introdutório. In: PLATÃO. *Górgias*. São Paulo: Perspectiva, 2020. 1ª edição revista.

LUGINBILL, Robert. Tyrtæus 12 West: Come Join the Spartan Army. *The Classical Quarterly*, New Series, v. 52, n. 2, p. 405-414, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1093/cq/52.2.405>.

MARTINDALE, Charles. Reception. In: KALLENDORF, Craig. *A Companion to the Classical Tradition*. EUA: Blackwell Publishing Ltd, 2007, p. 297-311.

MEYER, Susan Sauvé. *Plato's Laws 1 and 2*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

MORROW, Glenn R. *Plato's Cretan City: a historical interpretation of the Laws*. 2ª edição. EUA: Princeton University Press, 1993.

NIGHTINGALE, Andrea W. *Genres in Dialogue: Plato and the Construct of Philosophy*. 1st edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

NÜNLIST, René. *The Ancient Critic at Work*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PLATÃO. *República*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: WMF Marins fontes Ltda, 2006.

PLATO. *Laws*. Em: *Platonis Opera*, ed. John Burnet. Oxford University Press. 1903.

PLATO. *Laws*, Volume I – II. Coleção Loeb Classical Library. Tradução de R. G. Bury. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1926 (1ª edição).

RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael. *Elegia Grega Arcaica: uma Antologia*. 1ª edição. Cotia: Ateliê Editorial; Araçoiaba da Serra: Editora Mnema, 2021.

RAGUSA, Giuliana. *Hino a Afrodite e outros poemas: Safo de Lesbos*. 2ª edição. São Paulo: Editora Hedra, 2021.

SILVA, Rafael. Lendo a Citação (*Crítton*, 43d1–44b5): “Vou-me embora pra fértil Phthía...”. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 173-194, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17172. Acesso em: 21 out. 2024.

SILVA, Rafael. Treslendo a citação (*República*): de Platão a Homero. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 205-226, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17124. Acesso em: 21 out. 2024.

SMYTH, Herbert. *Greek Grammar*. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

SWIFT, Laura. Lyric Visions of Epic Combat: the spectacle of war in archaic personal song. In: Bakogianni, A. and Hope, V. (eds). *War as Spectacle: Ancient and Modern Perspectives on the Display of Armed Conflict*; London: Bloomsbury Academic, pp. 93-109, 2015. Disponível me: <https://oro.open.ac.uk/44124/>. Acesso em: 19 dez. 2023

WEST, Martin. *Iambi et Elegi Graeci. Ante Alexandrum Cantati. Vol. 2: Callinus, Mimnermus, Semonides, Solon, Tyrtaeus, Minora Adespota*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

ZANFRA, Marcelo. 2022. *Comicidade, estilística e projeto retórico: faces e efeitos intertextuais da recepção de Terêncio na obra de São Jerônimo*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

ZICHI, Claudia. 2013, *Tyrtaeus in Plato: A Case of Poetry at the Service of Philosophy*. Dissertação (Mestrado). Lund: Lund University Publications, 2013.